

A PRODUÇÃO SOCIAL DOS ESPAÇOS DE LAZER: O CASO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA-BRASIL¹

MARES, Rizia Mendes²

RESUMO

O presente texto analisa a produção dos espaços de lazer na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, marcada por relações de clivagens fruto de um processo desigual de estruturação urbana e que na atualidade se complexifica dada às novas lógicas de produção e consumo que tendem a programar as práticas espaciais do lazer. Deste modo, expressa os conflitos que emergem do cotidiano fragmentado, da vida que se realiza em espaços cada vez mais segmentados espacial e socialmente. Nesse sentido, as práticas espaciais do lazer são um importante elemento de análise sobre a produção da cidade não só por abranger a produção espacial como resultado dessa dimensão do cotidiano, mas também, das relações sociais que se reproduzem sob essa mesma lógica. Como instrumento metodológico principal para o debate aqui proposto, utilizamos as informações produzidas através de entrevistas semiestruturadas a diferentes sujeitos-tipo e ao poder público municipal. Uma produção e uso diferenciados do lazer que sinalizam mudanças significativas nos espaços/tempos em que esse elemento se realiza, culminando em um processo de hierarquização nas relações sociais comprometendo a sociabilidade e o acesso à cidade de modo mais amplo.

Palavras-chaves: Lazer. Urbano. Espaço social. Vitória da Conquista.

LA PRODUCCIÓN SOCIAL DE LOS ESPACIOS DE OCIO: EL CASO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA BRASIL

RESUMEN

El presente texto analiza la producción de los espacios de ocio en la ciudad de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, marcada por relaciones de segregación resultado de una estructuración urbana desigual que en la actualidad se complejiza debido a las nuevas lógicas de producción y consumo que tienden a determinar las prácticas espaciales de ocio. De esta manera, expresa los conflictos que emergen de la fragmentación de lo cotidiano, de la vida que se realiza en espacios cada vez más segmentados espacial y socialmente. En este sentido las prácticas espaciales de ocio son un elemento importante de análisis sobre la producción de la ciudad, no solo por incluir la producción espacial como resultado de esa dimensión de lo cotidiano, también de las relaciones sociales que se reproducen bajo esa misma lógica. Como principal herramienta metodológica para el debate aquí propuesto, utilizamos la información producida a través de entrevistas semiestruturadas dirigidas a diversos sujetos y al poder público municipal. Una producción y uso diferenciado del ocio que señalizan cambios significativos en los espacios/tiempos en que ese elemento se realiza, culminando en un proceso de jerarquización de las relaciones sociales, comprometiendo así la sociabilidad y el acceso a la ciudad de un modo más amplio.

Palabras clave: Ocio. Urbano. Espacio Social. Vitória da Conquista.

THE SOCIAL PRODUCTION OF LEISURE SPACES: THE CASE OF VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA – BRAZIL

ABSTRACT

In this paper, we analyzed the production of leisure spaces in the city of Vitoria da Conquista, Bahia, Brazil, that is marked by relations of cleavages, which is the result of an unequal process of urban structuration. Besides, nowadays, that is becoming more complex, given the new logics of production and consumption that tend to program the space practices of leisure. Thus, that expresses the conflicts that emerge from the fragmented everyday life, from life that takes place in spaces that are increasingly spatially and socially

¹ O presente texto integra o debate desenvolvido em nossa pesquisa científica em nível de Mestrado, intitulada *A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA: lógicas e práticas espaciais do lazer*, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente/SP (PPGG-FCT/UNESP), 2016.

² Mestra em Geografia – FCT/UNESP. Licenciada em Geografia – UESB. Professora do Instituto Federal da Bahia-IFBA/Eunápolis. E-mail: rizziamendesmares@gmail.com.

segmented . Seen in these terms, the space practices of leisure are an important element of analysis on the production of the city, not only because they cover the spatial production as a result of this dimension of everyday life, but also the social relations that are reproduced according to the same logic. As the main methodological tool for the discussion proposed in this paper, we used the information gathered through semi-structured interviews applied to different subjects-type and the municipal public authority. Production and differentiated uses of leisure that indicate significant changes in space/time in which this element is taken place, culminating in a process of ranking in the social relations compromising sociability and the access to city more broadly.

Key words: Leisure. Urban. Social space. Vitória da Conquista.

1. INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre a produção espacial contemporânea nos pautamos na análise do lazer entendendo-o enquanto um elemento estruturador e estruturante da cidade ao promover intensas alterações nesta. Um processo que se complexifica por não circunscrever-se apenas a questões econômicas, como também, políticas, sociais, culturais e simbólicas.

Por esse pressuposto, o processo de estruturação da cidade torna-se mais intrincado, pois, ocorre, simultaneamente, o aumento das lógicas indutoras de desigualdade espacial e a existência de clivagens socioeconômicas e culturais no uso de áreas específicas. Realidade que torna questionável o acesso a bens e serviços, do próprio direito à cidade de modo ampliado, ao submeter o cidadão aos comandos do sistema produtivo em que seu direito se realiza apenas mediante a troca, isto é, pelo consumo.

Desse modo, buscamos discutir como os espaços de lazer na atualidade podem ser analisados como produtos e condicionantes de mudanças nos modos de sociabilidade ao considerarmos as lógicas de produção e consumo, que tende a caracterizar processos de diferenciação socioespacial no que tange à prática de lazer.

Para tanto, temos como base analítica a cidade de Vitória da Conquista, terceiro município em tamanho demográfico do Estado da Bahia, Brasil, localizado no Centro Sul desse, com população estimada em 340.199 habitantes, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE para o ano de 2014. É precedido por Feira de Santana e pela capital, Salvador, da qual se encontra a uma distância de 503 quilômetros.

A partir de 1999 observaram-se nessa cidade profundas transformações promovidas, especialmente, pela expansão do setor terciário, principal fomento ao processo de reestruturação econômica, em que houve uma diversificação e ampliação do comércio e serviços e fortalecimento de sua posição como um importante centro regional (FERRAZ, 2009); (IBGE, 2008). Tais transformações imprimiram um novo conteúdo ao cotidiano urbano dessa cidade, apreensível não só nas formas espaciais resultantes de tais processos,

como também, no conteúdo social que delas deriva ao expressar novos modos de interação e práticas espaciais que se fundem em novos hábitos, usos e apropriação do espaço urbano.

Para desenvolvimento das ideias aqui propostas, estruturamos o texto em quatro seções: primeiramente, contextualização do debate sobre o lazer e o processo de produção de espaços para esse fim; em um segundo momento, abordagem sobre as estratégias empregadas na promoção do lazer de forma particular e o conflito de interesses público e privado agindo na estruturação do espaço urbano de modo geral. Depois, entender como essas ações pela disputa de poder e domínio do espaço urbano têm influenciado nas condições em que a prática do lazer se realiza; e, por último, questões que nos auxiliam a compreender as contradições que fomentam a diferenciação socioespacial e que caminham em processos mais profundos de hierarquização.

2. CONTEXTO

Ao debate sobre a cidade contemporânea, trazemos como desafio analisar as práticas espaciais do lazer, por entendermos que esse elemento tem motivado alterações substanciais na produção da cidade. Como uma nova atividade produtiva, ao relacionar-se a uma tendência de transformação do espaço em mercadoria, a prática do lazer reveste-se de novos sentidos, conteúdos e modos distintos de acesso.

Vivemos um momento em que o lazer ganha dimensões alargadas e uma maior valorização do tempo destinado a tal prática, do mesmo modo, mudanças no cotidiano citadino e na lógica de localização e uso de equipamentos e serviços tendem a fomentar sua produção ao passo que se valem dessa dinâmica.

Nesse contexto, emergem contradições entre o espaço de consumo e o consumo do espaço e de sua produção sob a lógica da homogeneidade, que é apropriada em fragmentos. Com um forte viés econômico, Carlos (2001), avalia a prática do lazer como reprodutora dos controles da sociedade capitalista ao afirmar que:

[...] reproduz lugares controlados, normatizados, homogêneos, dispostos de forma hierarquizada, impondo ritos, gestos, modelos que se articulam, como parte integrante do processo de reprodução das relações de produção, expressando a contradição entre o público e o privado, entre o uso e a troca. Isto porque a reprodução, no momento atual, realiza-se através da programação do cotidiano, que aparece como resultado do mundo da mercadoria que produz a uniformidade sob a forma das aparências diferenciadas das coisas, organizando o cotidiano enquanto organização da sociedade de consumo. (CARLOS, 2001, p. 72)

Os espaços produzidos para o lazer, ou naqueles onde este se realiza, reproduzem os constrangimentos do cotidiano programado que tende à homogeneização, e imprimem certa

hierarquização socioeconômica ao distinguir relações e práticas que compõem o processo de reprodução das relações de produção. Como um elemento de troca na sociedade de consumo, a prática do lazer apresenta-se ainda mais complexa e conflituosa, sobretudo, quando se incorporam outros elementos que se somam às distinções criadas para seccionar o uso desse espaço e determinar as formas de sociabilidade.

Estando as relações sociais condicionadas à mediação pela troca, a prática do lazer passa a realizar-se por meio do consumo, isto é, não se tem, de fato, uma apropriação do espaço, mas antes, o consumo do espaço. Nas palavras de Santos, N (1999):

As práticas de consumo, impõem-se como um dos principais aspectos em que o tempo aparece estruturado, grandemente influenciadas pelas estratégias dos meios de produção e, ao mesmo tempo, incorporadas e induzidas pelos modos de vida as sociedades modernas, desde a esfera individual, à família, ou a outras formas de agregação social. Os indivíduos em sociedade integram-se, pois, em processos de relação social assumindo ligações com classes, grupos profissionais ou socioeconômicos, grupos de afinidade cultural ou de vizinhança, combinando de modo diferenciado a oferta com a sua procura de bens e serviços. Esta combinação, diferenciada de grupo para grupo, vem a caracterizar estilos e modos de vida, convertendo-os em categorias de análise social, mas também territorial, pois como afirma Urry (1995), o espaço é também visto como um produto e por isso entendido como fazendo parte dele. (SANTOS, N, 1999, p. 117)

Esse processo ganha amplitude não só como atividade econômica, mas também por apreender fenômenos complexos de natureza social, política e cultural, expressando-se em múltiplas formas territoriais e espaciais aprofundando-se no seio da sociedade de consumo. Sua produção realiza-se segundo padrões que fomentam a satisfação individual cindindo a relação no plano da sociabilidade, sobretudo, por acontecer em âmbito privado. Realidade que se materializa quando a forma urbana em si já é produzida como uma barreira (concreta, simbólica), em que a sociabilidade tende a acontecer via relações de mercado, programadas, enquanto que as atividades criadoras e espontâneas perdem espaço e valorização.

A prática do lazer no contexto que analisamos indica uma relação de oposição, ainda que velada, entre o espaço público e o privado, entre os lugares de consumo e de apropriação, entre grupos de perfis socioeconômicos distintos. Na cidade de Vitória da Conquista/BA, dos inquiridos pesquisados (270 *enquetes*), mais de 70% afirmaram realizar as práticas de lazer no Shopping Conquista Sul (Figura 1), sob justificativas como: ausências de áreas públicas, sobretudo, parques e praças, problemas de infraestrutura nos espaços públicos existentes e falta de segurança, como pode ser observado na fala do depoente:

Vitória da Conquista está faltando ainda muita natureza, não tem área nenhuma. Área verde em Conquista não existe, está pensando só no imobiliário, em vender terreno [...] Falta, hoje em dia, o que está faltando mais é ter segurança. Parque com área verde, bonito, todo mundo quer. [...] Hoje os lugares têm que ter preço, atendimento e qualidade, segurança, infraestrutura, deslocamento facilitado. É igual

lá no Cristo, nunca tinha ido, fomos a família inteira, só fui assim também. O Cristo pode melhorar é uma área boa, com vista da cidade muito bonita à noite. Podia ser um bom lugar para ir também, mas falta estrutura e segurança.

(VITOR [nome fictício]. Homem; 37 anos; casado; ensino médio incompleto; jornalista; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui carro próprio. Entrevista aos sujeitos sociais. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014).

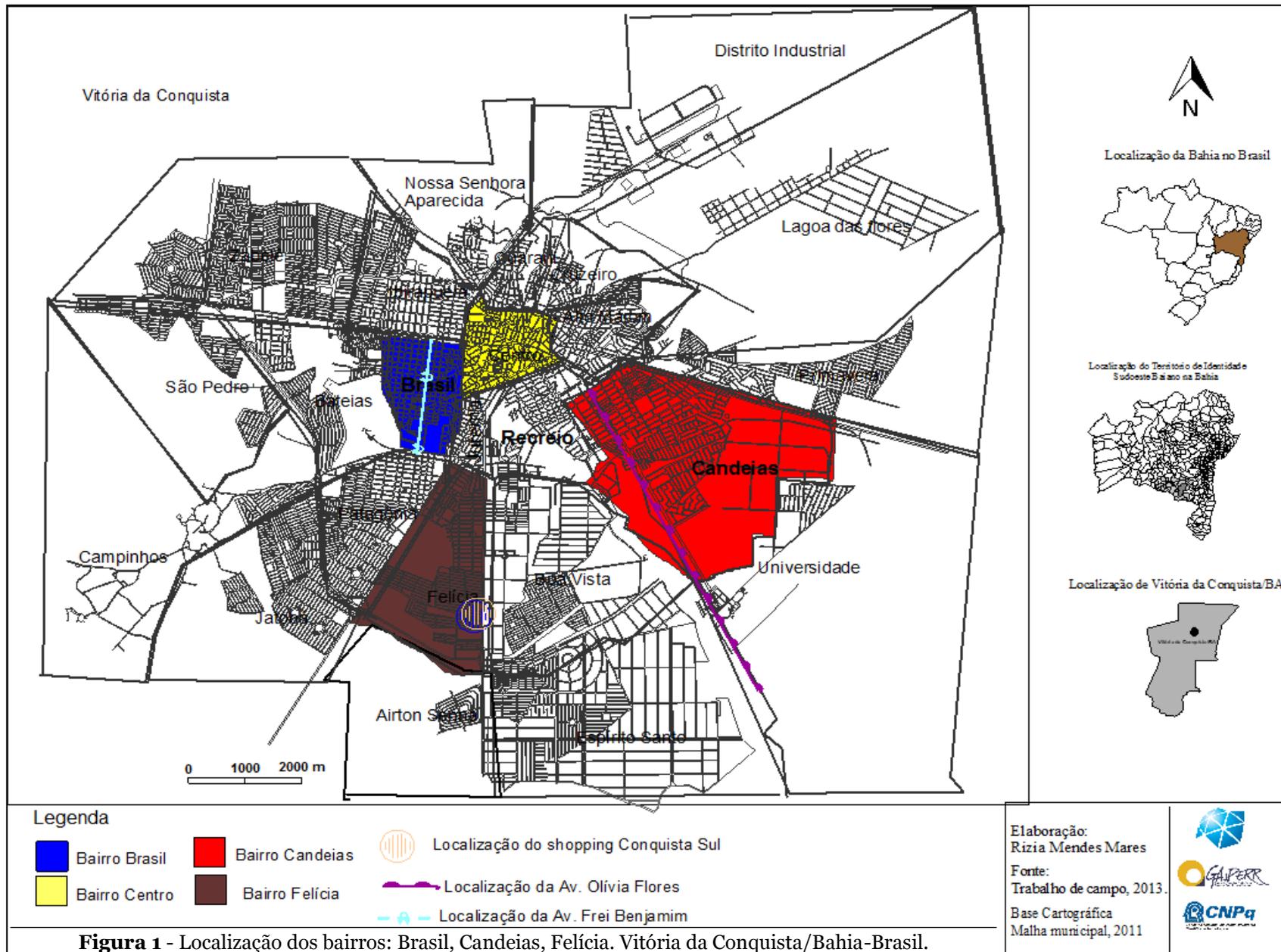


Figura 1 - Localização dos bairros: Brasil, Candeias, Felícia. Vitória da Conquista/Bahia-Brasil.

A problemática esboçada pelo depoente, apesar de real, pode ser vista, também, como um reforço à ideia de que o lazer se localiza em determinados espaços onde há infraestrutura e outros atributos e que, por isso, para a efetivação de tal prática, seria necessário acessá-las, consumi-las (considerando a condição financeira; a mobilidade), ao passo que desqualifica outras áreas pela insuficiência de tais recursos, mormente, os espaços públicos.

Pelo expressivo número de inquiridos que afirmaram ser o *shopping center* o principal espaço de lazer em Vitória da Conquista, observamos uma tendência à homogeneização no uso de espaços/tempos para o consumo do lazer, indicando uma universalização nos hábitos, haja vista, a ideia de estarem acessando os mesmos espaços de lazer consumidos em cidades em escalas maiores, reproduzindo os mesmos condicionamentos sociais. Como podemos perceber no depoimento a seguir:

Eu me realizo quando eu estou no *shopping*. Eu penso que estou numa capital. É sério! Eu falo: eu acho que eu não estou em Conquista não, eu acho que estou lá em São Paulo. Eu penso desse jeito: ah! Eu acho que eu não estou em Conquista não, eu estou em outro lugar, só pode! Por assim, o espaço, entendeu? Pelas lojas. Então é só desse jeito! [...] Eu acho que se for para passar a tarde toda no *shopping*, não precisa estar custando, não é, comprando nem nada, só em estar ali vendo vitrines, vendo pessoas diferentes, entendeu? Naquele ambiente. Eu acho que já ganhei o meu dia, eu penso assim, eu me sinto à vontade.

(VALÉRIA [nome fictício] mulher; 38 anos; casada, ensino superior completo; professora; moradora de área pericentral; renda de 3-6 salários mínimos; não possui meio de transporte próprio. Entrevista aos sujeitos sociais. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014).

Como um símbolo de *status*, de lazer, de segurança, o uso do espaço dos *shopping centers* mascara suas formas de coação, pois, tem um conceito, uma identidade construída que formaliza comportamentos, relações; expressa uma imagem de acesso que não é para todos, de modo que seu uso para ou como o lazer reproduz as coações do tempo produtivo e do cotidiano dominado.

A ideia difundida por esses empreendimentos comerciais, onde o lazer se converte como mercadoria, de que há uma universalização de práticas e maior acessibilidade, na verdade, reverte-se em um aprofundamento das desigualdades. Isto é, não há uma democratização do consumo, ou uma apropriação efetiva desses espaços/tempos, mas, antes, entendemos haver um processo de diferenciação espacial em que a distinção social estabelece os modos de sociabilidade.

Um processo evidente, também, se analisarmos os condicionamentos sociais alimentados historicamente na estruturação urbana de Vitória da Conquista, sobretudo, na formação das novas áreas centrais. Esses novos eixos (Figura 1), assim como a área em que se localiza o Shopping Conquista Sul, formaram-se por e a partir de elementos como, por

exemplo, a demanda de espaços de lazer, majoritariamente pela oferta privada e que além de fatores econômicos e políticos estão atrelados, também, a questão dos simbolismos. Criou-se um perfil-tipo de sujeito que deva acessar cada um dos espaços de lazer e o modo como fazê-lo, reforçando um “estereótipo socioeconômico” dos seus usuários, excluindo os que estão fora do padrão estabelecido.

O que resulta em processos mais profundos de separação que nos leva à compreensão de que se vivencia na cidade de Vitória da Conquista um processo de fragmentação, pois, a homogeneização, como se anuncia, não se realiza do contrário, divide o espaço em partes que não se articulam espacial e socialmente, realidade expressa de modo mais emblemático pelas duas avenidas principais dos novos eixos formandos: as Avenidas Olívia Flores, no bairro Candeias e Frei Benjamim, no bairro Brasil, ou, como denominam os cidadãos: “o lado de lá e o lado de cá”:

No bairro Brasil, a gente gosta muito de ir, Olívia Flores... muito difícil. Na Olívia é outro público, sabe por quê? A gente percebeu que cá no bairro Brasil tinha o entretenimento do mesmo nível da Olívia, não perde em nada e ali, pertinho de minha casa. E os preços são menores o povo é mais simples e interage mais com a gente! Lá o povo não interage tanto. [...]Eu faço sempre assim, quando a gente quer fazer uma coisa bem diferente nós vamos lá para o outro lado. Bem diferente! (LUCAS [nome fictício] homem; 33 anos; solteiro; ensino superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda de 2-3 salários mínimos; possui meio de transporte próprio. Entrevista aos sujeitos sociais. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014).

Realidade que nos remete ao pensamento de Baudrillard (2003) de que a produção do lazer, além de ser um meio de distinção social, é, também, produção de valor, em virtude do desenvolvimento dessa prática, na atualidade, não assumir uma função de gozo do tempo livre, mas antes, de consumo do tempo improdutivo. Este que é, simultaneamente, tempo de produção: de valor, *status*, prestígio, sendo o valor condição social obrigatória, tornando-se questionável uma real liberação de tempo livre, pois o mesmo é investido na reprodução social.

Essa caracterização reflete as recentes mudanças na relação espaço-tempo em que percebemos uma maior expressividade de processos socioespaciais que segmentam a relação entre diferentes grupos sociais condicionando as relações sociais, já que a reprodução da vida dá-se em confinamento, pois, “as novas áreas de comunhão são enclausuradas dentro de mundos sociais engendrados pela lógica de comunhão do consumo – os *shopping centers*, bares de solteiros, parques de diversão e quintais de subúrbio.” (GOTTDIENER, 2010, p. 272).

Assim, a prática do lazer na cidade de Vitória da Conquista/BA está cada vez mais vinculada à relação de troca e realizando-se em espaços privados, como em *shopping center*

e demais estabelecimentos comerciais para entretenimento. Enquanto a oferta do lazer em áreas públicas está limitada a determinados espaços da cidade, com estrutura que não abarca as necessidades dos cidadãos, como afirma um depoente: "*Os espaços estão mais elitizados, não tem esse lugar democrático. É isso. Faltam locais mais democráticos*"(LUCAS [nome fictício] homem; 33 anos; solteiro; ensino superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda de 2-3 salários mínimos; possui meio de transporte próprio. *Entrevista aos sujeitos sociais. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014*). Ou seja, a produção do lazer está voltada aos interesses de uma minoria influente associada ao Estado, este, por conseguinte, exime-se do dever de prover os direitos e acesso básico à população, não sendo respeitados os direitos coletivos. Trata-se de um modo de gestão, por parte do Estado, que expressa um conflito de interesses em relação ao planejamento da cidade, em que os grupos dominantes fazem do Estado um instrumento político para fazer valer seus interesses e poderio sobre o espaço cidadão (SOBARZO, 2006).

Como expressão dessa realidade, o espaço urbano revela as desigualdades em que se dá a sua produção e a disputa pela dominação e o conflito de interesses reforçam as desigualdades, a hierarquização da cidade e do sujeito, pois, assim como afirmou Silva (2013) não são apenas reflexo do desenvolvimento econômico concentrado e dissonante, mas, principalmente, condição para sua realização e para constituição de um planejamento urbano idem.

3. AÇÃO

As estratégias do Estado e da iniciativa privada na produção dos espaços de lazer são um modo de analisar como o conflito de interesses, público e privado, tem influenciado nas dimensões do cotidiano se pensarmos nas práticas de lazer dos cidadãos. Como já iniciado na seção anterior, entendemos que essa relação conflituosa entre grupos dominantes e o Estado reforça e aprofunda as desigualdades ao manter, de um lado, um grupo de privilegiados, assegurando-lhes gostos de luxo e, de outro, um grupo de excluídos em que lhe é negado direitos essenciais à reprodução da vida. Sobre isso, Mészáros (1989) alerta que:

Há de admitir que, *enquanto* a relação atual entre os interesses dominantes e o estado capitalista prevalecer e impuser com sucesso suas demandas à sociedade, não haverá grandes tempestades a intervalos razoavelmente distantes, mas precipitações de frequência e intensidade crescentes por todo lugar. (MÉSZÁROS, 1989, p. 98 grifo do autor).

Em se tratando de dominação e controle do espaço, Sobarzo (2004) destaca que essa ação abarca as possibilidades de definir e/ou alterar os dispositivos legais que implicam no gerenciamento, uso e ocupação do solo urbano. Um controle não só do espaço, como também da sociedade, objetivando a dominação política.

Entendemos que um desses dispositivos legais utilizados para controle do espaço é o Plano Diretor Urbano que, em nosso estudo de caso, desde a sua primeira elaboração no ano de 1976 pela Lei nº 118 de 2 de dezembro de 1976, teve claro direcionamento ao atendimento dos interesses da elite local e conivência do Estado, em sua esfera representativa, o poder público municipal, no que tange à proposição e/ou implantação de equipamentos de lazer ao escolher as áreas em que estes grupos tinham interesse.

É certo que, de modo geral, a promoção do lazer nunca foi dada como prioridade nessa cidade, sobretudo, quando se trata de espaços majoritariamente ocupados pela população pobre. Os bairros mais antigos são os mais deficitários nesse aspecto, assim como afirmou o Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, segundo o qual, tais áreas, já não continham serviços essenciais como saneamento básico, ainda menos espaços para a prática do lazer, uma vez que nunca fora prioridade.

As propostas para equacionar a lacuna na oferta de lazer destacadas no primeiro PDU de Vitória da Conquista/BA criaram outra problemática, a legalização da segmentação social velada no discurso de zoneamento do uso do solo. Tais projetos, em sua maioria, seriam implementados objetivando de fato a especulação e valorização imobiliária e a expansão do tecido urbano, desconsiderando áreas em que a população era demasiadamente superior e sua maior carência em equipamento de lazer (SANTOS, R, 2013).

Até a década de 1990 a elite econômica de Vitória da Conquista tinha como espaço próprio para o lazer o centro tradicional onde se localiza uma praça, principal área pública de lazer da cidade, a qual compunha um conjunto de ações que buscava valorizar a área para uso da elite local. Dentre essas intervenções do poder público municipal está a Lei Municipal nº 402/1960 que impedia construções nas imediações dessa praça para evitar que fossem erigidas casas fora do padrão dos casarões nos quais residiam as famílias de maior poderio econômico (SANTOS, R, 2013). Noutras palavras, evitar que a população pobre fizesse uso do espaço. Essas intervenções agregaram interesses de demais agentes, mas se concretizou pela ação do poder público ao demarcar, legalmente, o tempo/espaço dos ricos e o tempo/espaço dos pobres.

Houve uma desconcentração das atividades de lazer, sobretudo, a partir dos anos 2000, com a construção de estabelecimentos comerciais para entretenimento e diversão, um processo que vem se intensificando e originando novas formas espaciais em que o lazer é

também um elemento de fomento a tal processo. Assim, a expansão das atividades de lazer, outrora concentrada no centro principal, realizou-se conformando eixos e um subcentro.

Atualmente, temos verificado em Vitória da Conquista a formação de novas áreas centrais, já citadas no início do texto, em que se realizam atividades voltadas ao lazer que se somam ou atraem outras atividades comerciais e de serviços, reorientando os deslocamentos citadinos ao desempenhar certo grau de atração. Pois, nessas áreas são introduzidos estabelecimentos e equipamentos que promovem essa dinâmica por características como os objetos diferenciados que produz, o público alvo, o poder de consumo estabelecido, conformando centralidades também lúdicas e simbólicas (WHITACKER, 2013).

Esse processo consolidou uma caracterização e especialização em atividades de lazer, dimensionando o fluxo dos consumidores desse tipo de atividade, contudo, demarcando o espaço de uso para cada grupo social. Uma realidade que vem aprofundando e complexificando as relações de sociabilidade, pela mudança nas práticas e usos desses espaços.

É nesse contexto que temos direcionado nossa análise apreendendo esses elementos como um modo de sopesar a articulação entre o centro e novas áreas centrais na produção dos espaços de lazer. Para Whitacker (2013) tais processos de dispersão expressam extensão do centro tradicional e a conformação de estruturas urbanas mais complexas, com diferentes áreas centrais, e uma especialização funcional e socioeconômica, um pressuposto que apoia nossa análise sobre a formação de processos de diferenciação socioespacial em que pese uma hierarquização das relações sociais, como desenvolveremos na seção seguinte.

4. REAÇÃO

A análise sobre a produção dos espaços de lazer, públicos e privados, em Vitória da Conquista/BA, levou-nos a considerar que, em certo grau, a sua produção reveste-se, também, como meio de controle social (SERPA, 2013), especialmente se considerarmos os interesses daqueles pertencentes aos segmentos intermediários de renda, ora atendidos pelos agentes privados, ora pelo poder público municipal que tem direcionado ações políticas garantindo-lhe espaços bem estruturados e condições de realização do consumo.

Na leitura de Serpa (2004) o lazer e o consumo desse segmento intermediário de renda são considerados indutores de grandes mudanças urbanas ao promoverem uma redefinição de localizações, nos tipos de uso do solo urbano e, sobretudo, reorientações das práticas espaciais. De modo que os equipamentos de lazer são implantados no tecido urbano para adequar-se aos interesses de determinados grupos e atuar na valorização dessas áreas, como já sinalizado.

Na medida em que as possibilidades de reprodução capitalista se estendem por todo o espaço citadino, criam-se políticas e ações que fomentam suas condições de crescimento. As ações empreendidas na cidade devem, então, cumprir uma função econômica e, por isso, gerar lucro atraindo o capital para seu interior. Entendemos que isso se aplica ao nosso contexto de estudo ao considerarmos, por exemplo, a atuação do poder público local.

Como vimos, através de leis criadas para viabilizar os grupos de maior poder econômico, foram implantados equipamento urbanos, infraestrutura em proporções distintas no perímetro urbano de Vitória da Conquista, de um lado, precarizando a prática do lazer de grande parte dos cidadãos e, de outro, enfatizando as áreas de maior valorização e de moradia de grupos minoritários, demarcando não só o uso, mas também, quem e como o fará. Como exemplo, o uso de um parque público criado na área oeste da cidade onde a estrutura deficitária impõe um uso aquém das necessidades dos cidadãos:

Conquista está faltando ainda muita natureza, não tem área nenhuma. Área verde em Conquista não existe, está pensando só no imobiliário, em vender terreno. [...] Falta hoje em dia, o que está faltando mais é ter segurança; parque com área verde, bonito, todo mundo quer. Shopping é lazer quando você vai gastar. Hoje os lugares têm que ter preço, atendimento e qualidade, segurança, infraestrutura, deslocamento facilitado.

(VITOR [Nome fictício] homem; 37 anos; casado; ensino superior incompleto; jornalista; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; possui meio próprio de deslocamento próprio. Entrevista aos sujeitos sociais. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014).

Do mesmo modo, agentes, como promotores imobiliários, empresários e elite local/regional, amparados pelas facilidades e anuência do poder público, realizam ações que alteram substancialmente a dinâmica e estrutura da cidade, seja na conformação de pequenos eixos de especialização ou na implantação de grandes empreendimentos como condomínios residenciais fechados e *shopping centers*. Esse último, enquanto espaço de consumo para tal finalidade, tem como características a significação social que atribui, simbolicamente, um *status* social na medida em que os objetos consumidos perdem valor de uso e ganham distinção pela sua posse.

A distinção, o *status*, foram condições evidenciadas por nosso depoente ao avaliar a oferta e modo de gestão do lazer nesta cidade, e pontuou que o lazer pode ser uma prática de formação e desenvolvimento do sujeito, mas que deve ser uma prática mais acessível aos municípios:

Essa cidade tem uma riqueza enorme de cultura e que infelizmente a gente não conhece, não conhece porque não tem nem público e nem privado. Os shows que acontecem em Conquista, quando é um nível considerado cultural maior, são um absurdo! É para nobres! [...] E será que em Conquista nós não temos pessoas com nível cultural para estar apresentando? Porque não valorizar tudo isso? Porque a gente sabe que em Conquista têm vários cantores, compositores, mas, até mesmo esses compositores, cantores e atores quando fazem um evento colocam distante, num local distante, sem acessibilidade, aí a gente fala agora da acessibilidade... Sem

acessibilidade nenhuma! Como acontece na Casa dos Carneiros que eu nem sei onde fica essa casa do carneiro! Um dia eu perguntei e disseram para mim: a casa dos carneiros é realmente a casa dos carneiros, é escondida! Por que... Gente! É um programa que todo mundo fala muitíssimo bem, mas pergunta quem frequenta a Casa dos Carneiros? E é um local que apresenta muito a cultura de Conquista, mas a gente não conhece, porque são para nobres, e onde estão os pobres, não é? Qual é o tipo de cultura que o pobre consome nessa cidade?

(LAIZA [Nome fictício] mulher; 35 anos; solteira; ensino superior completo; secretária; morador de área periférica; renda entre 2-3 salários mínimos; não possui meio próprio de deslocamento. Entrevista aos sujeitos sociais. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014).

Acreditamos que essas intervenções públicas e privadas na estruturação do espaço urbano de Vitória da Conquista, seja em espaços públicos ou espaços privados de uso coletivo, estão convergindo em processos mais profundos de segmentação espacial e social colocando em evidência a sua dimensão simbólica que repercute nos modos de produção e reprodução do/no espaço de forma ampliada.

Nessas condições, a cidade afirma-se como mercadoria em que sua apropriação se dá através da repartição promovida pelo mercado imobiliário, como realização da acumulação capitalista, produzida como um bem externo ao sujeito. Essa forma de produção da cidade promove um estranhamento ao cidadão que não se relaciona com os espaços da cidade em sua totalidade e em sua relação com o outro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS – CONTRADIÇÕES

Compreender a produção dos espaços de lazer na cidade de Vitória da Conquista tem nos direcionados à análise de uma hierarquização social e segmentação espacial que definem o modo de acesso e conteúdo das práticas que se realizam em tais espaços, como um reflexo da relação conflituosa entre interesses públicos e privados, pois, assim como afirmou Lefebvre (1999), além de projeção das relações sociais, o espaço urbano é também, lugar onde as estratégias se confrontam. Condição enfatizada pelo poder público que, ao destacar a oferta de serviços no que denomina “polos diferentes”, apenas reforça a separação que historicamente foi construída em Vitória da Conquista:

A Frei Benjamim é outra cidade comercial e que as pessoas que convivem no bairro Brasil, Patagônia, Ibirapuera necessariamente não precisam vir pra Olivia Flores. Então, são polos diferentes de desenvolvimento que a cidade circula também. Tem gente daqui que vai frequentar restaurantes e pizzarias do lado de lá e vice-versa, então isso faz parte do turismo interno.

(VITÓRIA DA CONQUISTA/BA. Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Entrevista a agentes bem informados. [dez/2013]. Vitória da Conquista/BA. Transcrição de áudio. Pesquisa de campo, 2013).

Conflitos que influenciam na estruturação da cidade e no modo de sociabilidade, pois, as lógicas que engendram a produção dos espaços de lazer e o modo como se dá sua

apropriação ocorre de maneira diferenciada, colocando em evidência as imposições capitalistas ao produzir modos distintos de apropriação do mesmo espaço, do mesmo bem urbano, aprofundando as desigualdades e a cisão nas relações entre cidadãos, conforme observamos no depoimento a seguir:

É no bairro Brasil! É muito, oh, muito mais à vontade! Ah, sim, no Alto Marom, no Costinha's é um lugar democrático, super democrático, o Mexicano, o Costinha's. E aquela areazinha ali é ótima, porque tanto o Mexicano quanto o Costinha's lá é um público assim, eclético! [...]
(LUCAS [nome fictício] homem; 33 anos; solteiro; ensino superior completo; engenheiro agrônomo; morador de área periférica; renda de 2-3 salários mínimos; possui meio de transporte próprio. Entrevista aos sujeitos sociais. Transcrição de áudio. Trabalho de campo, 2014).

Questões recorrentes expressas pelos sujeitos da pesquisa quando afirmaram ser a condição financeira um limitador na prática do lazer ao sinalizarem a falta de espaços públicos (considerando-os como espaços democráticos), pois, as praças e parques em Vitória da Conquista, via de regra, não apresentam infraestrutura, equipamentos urbanos, segurança pública necessária que atenda desde um piquenique com os filhos em um final de tarde, a uma corrida noturna após o dia de trabalho, ou ainda, ir de um extremo ao outro da cidade usando o transporte público coletivo para assistir a uma palestra na universidade ou a um evento privado.

Nesse sentido, observamos que os espaços do lazer estão, majoritariamente, circunscritos aos espaços privados, formalizados, controlados como novo signo de consumo e *status*, sendo que o uso do *shopping center* é representativo dessa condição, amparados no discurso de segurança, conforto, infraestrutura etc., esse empreendimento, além de mudanças no cotidiano, fomenta a formação de processos socioespaciais como a fragmentação.

Outro fator é que as novas áreas centrais, no caso de estudo, distribuídas nas áreas leste e oeste, ao expressarem certo grau de atração e diversidade de usos em relação à prática do lazer, imprimem uma imagem de acesso irrestrito por seu conteúdo público. Contudo, sua produção tem se direcionado a determinados grupos sociais, criando modos distintos de acesso entre o lado de cá e o lado de lá, marcado pelas principais avenidas desses novos eixos formados: Avenida Olívia Flores, no bairro Candeias (leste) e Avenida Frei Benjamim, no bairro Brasil (oeste).

Quanto aos espaços públicos, especialmente praças e parques, notamos que, aqueles mais assistidos pelo poder público local (limpeza, segurança, manutenção de modo geral, são os direcionados à valorização fundiária e atendimento aos interesses da elite local, como o uso do espaço da Avenida Olívia Flores, ou mesmo, da principal Praça de Vitória da

Conquista, a Tancredo Neves, localizada no centro tradicional. Os demais espaços públicos ficam a mercê das políticas públicas e, por vezes, a sua manutenção é realizada pelos próprios moradores do entorno como forma de garantir seu uso.

Disto posto, a prática do lazer não se realiza por completo, haja vista, a limitação gerada pelas condições impróprias do terreno, da falta de iluminação, de infraestrutura, segurança etc. Desse modo, tem-se como contradição principal do processo social, uma produção coletiva para uma apropriação privada que revela a empiricização temporal dessa contradição historicamente erigida no seio da sociedade capitalista e, também, de um processo de valorização espacial que se erige tacitamente nas relações sociais.

As trocas não só fragmentam o espaço, mas, também, a vida cotidiana, marcada pela separação entre tempos/modos de apropriação ao distinguir e distanciar os interesses dos cidadãos por diferentes áreas da cidade ou, antes, onde seja possível realizar as ações práticas da vida privada, do trabalho, do lazer.

Assim, para parte significativa dos moradores da cidade Vitória da Conquista que estão à margem desse processo, é subtraído o direito à participação na vida urbana enquanto obra, por uma relação de troca com os produtos-espetáculos, algo que impede ou retarda o desenvolvimento quantitativo e qualitativo do lazer. Soma-se, ainda, a ineficiência na oferta de equipamentos recreativos ou culturais de uso coletivo e a falta de renda, pela precariedade do trabalho. Uma cidade dispersa, segregada, com vários problemas de infraestrutura e um sistema de transporte coletivo ineficiente, produz uma cidade polarizada entre ricos e pobres.

Essa prevalência das relações de troca mediando os modos de sociabilidade desarticula os espaços-tempos da vida cotidiana, ao passo que, desqualifica as práticas espaciais do lazer na cidade de Vitória da Conquista. Do mesmo modo, promove um aprofundamento dos conflitos e desigualdades socioespaciais as quais impedem ou retraem o desenvolvimento de práticas espaciais que se voltem à construção de uma vida urbana para uso efetivo dos espaços cidadãos.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2003, 211 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “Novas” contradições do espaço. DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odete Carvalho de Lima. (Orgs.) **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 62-80.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. **O espaço em movimento: o desvelar da rede nos processos sociotécnicos do sistema de saúde de Vitória as Conquista/BA**. 2009.

253 f. Tese (Doutorado em Geografia humana) UFS – Núcleo de Pós-graduação em Geografia, São Cristóvão, 2009.

GTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 310 p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Sidra**: Banco de dados agregados, 2014.

LEFEVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, 176 p.

MÉSZÁROS, István. **Produção destrutiva e estado capitalista**. São Paulo: Ensaio, (1930) 1989, 105 p.

SANTOS, Norberto Pinto dos. Os espaços/tempos de lazer na sociedade de consumo contemporânea. **Revista Cadernos de Geografia**. Coimbra, n. 19, p. 117, 1999.

SERPA, Angelo. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP - Espaço e Tempo**: São Paulo, 2004, n.º 15, pp. 21 – 37.

SERPA, Angelo. Segregação, território e espaço público na cidade contemporânea. VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.) **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013, p. 169-188.

SILVA, Henrique Alves da. **Transformações do planejamento urbano em cidades de porte médio e em cidades médias brasileiras**. Presidente Prudente: [s.n], 2013. 244 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, 2013.

SOBARZO MIÑO, Oscar Alfredo. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**, 2004. 221 fl. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias. Presidente Prudente, 2004.

SOBARZO MIÑO, Oscar Alfredo. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, n.º 19, p. 93 - 111, 2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas. Grupo de Trabalho Normalização Documentária da UNESP. **Normalização documentária para a produção científica da UNESP**: normas para apresentação de referências segundo a NBR 6023:2002 da ABNT. São Paulo, 2003.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Lei n.º 118, de 22 de dezembro de 1976. **Dispõe sobre o Plano Diretor de Vitória da Conquista**, 1976. Vitória da Conquista, 1976.

VITÓRIA DA CONQUISTA. **Lei n.º 402**, de 05 de fevereiro de 1960. Câmara Municipal de Vitória da Conquista, 1960.

WHITACKER, Arthur Magon. Centro da cidade e novas áreas centrais. Elementos para discussão de algumas cidades médias paulistas. Texto preliminar para debate durante o XI

Workshop da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – ReCiMe. Dourados: UFGD, 2013b.

Recebido em 30/08/2016

Aceito em 16/11/2016